

# VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 48 – dez. / 2023

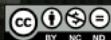
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## TEOLOGIA DO ÚTERO A PARTIR DE LEVÍTICO 12.1-8

*Dr. Vanderlei A. Schach*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# TEOLOGIA DO ÚTERO A PARTIR DE LEVÍTICO 12.1-8

THEOLOGY OF THE WOMB FROM LEVITICUS 12.1-8

*Dr. Vanderlei A. Schach<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Bacharel em teologia na Faculdade Batista Pioneira – Ijuí; Mestre em Novo Testamento e Doutor em Teologia Prática, ambos pela EST – São Leopoldo. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

## RESUMO

O presente artigo trata do cerimonial de purificação pós-parto a partir de Levítico 12.1-8, dando atenção especial para o tempo de purificação da parturiente ao nascer um bebê do sexo feminino, que é duplicado em relação ao nascimento de um bebê do sexo masculino.

**Palavras-chave:** Mãe. Filho. Pureza. Vida.

## ABSTRACT

This article deals with the postpartum purification ceremonial from Leviticus 12.1-8, paying special attention to the parturient woman's purification time when a female baby is born, which is doubled in relation to the birth of a male baby.

**Keywords:** Mother. Son. Purity. Life.

## INTRODUÇÃO

A sociedade humana, seguidamente encontra-se diante de situações complexas, como a legalização do aborto entre outros. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, todos os anos registra-se 73 milhões de abortos no mundo.<sup>2</sup> Diante dessa alarmante complexidade, existem recomendações bíblicas em relação ao tema. Nesse breve artigo, se tratará especificamente de Levítico 12, que oferece orientações pós-parto, com grande impacto a favor da vida para a sociedade da época. Em Levítico, percebe-se que até mesmo as secreções do corpo eram impuras desqualificando o indivíduo para atividades cúlticas. A aparente arbitrariedade das leis cerimoniais de pureza e impureza tinha objetivo pedagógico de ensinar ao povo o quanto deveria manter-se puro diante da santidade e soberania divina.

2 OMS faz recomendações para melhorar cuidados pós-aborto. Disponível em: <https://news.un.org/pt/tags/aborto> Acesso em: 29/12/23.

O eixo central que perpassa o artigo é a diferença no número de dias destinados para a purificação da mãe no nascimento de um menino, ou seja, 40 dias. Já para o nascimento de uma menina os dias de purificação sobem para 80. Presume-se que essa exacerbada diferença de dias carrega um fundo teológico. É exatamente esse fundo teológico que se tentará descobrir. Uma segunda questão que será abrangida no capítulo em estudo é se é pecado dar à luz filhos, pois o verso 6 menciona oferta pelo pecado e ainda, por que a esterilidade era considerada maldição? Parece que ter filhos é pecado e não tê-los é maldição.

Todo o livro de Levítico aborda o tema da purificação ritual, sendo por isso considerado por muitas pessoas como uma leitura de difícil entendimento ou até mesmo desnecessária. Outros ainda pensam que os rituais de pureza descritos em Levítico não têm uma aplicação específica para o leitor atual, tendo por isso sua leitura descartada. Contudo, ao atentar para um estudo mais acurado no sentido teológico, percebe-se que no livro de Levítico, Deus apenas quer que seu povo seja santo, porque ele é Santo. Portanto, todo o ensinamento ritualístico e cúltico de Levítico, tem em seu pano de fundo ensinamentos atualizados para a cultura ocidental pós-moderna. Porém, nem todos os escritos veterotestamentários são normativos. Alguns textos são apenas descritivos e contam o que estava acontecendo em determinado lugar e espaço, portanto não significa que a igreja deva seguir *ipsis litteris* alguns textos que se aplicavam para o contexto daquela época. Portanto, com temor e tremor vamos tentar extrair no sentido teológico e prático alguns princípios do capítulo 12 de Levítico. Também é necessário lembrar que a revelação divina é progressiva, ou seja, à medida que o tempo passa, mais conhecimento a criação tem do seu Criador, assim sendo, não há mais necessidade de revelar certos princípios de santidade porque isto já é do conhecimento humano.

# I. PURIFICAÇÃO MATERNAL

O capítulo 12 de Levítico trata da impureza na mulher causada pelo parto, sendo um conceito complexo para o leitor pós-Moderno. O referido texto menciona o período de purificação para uma mãe que deu à luz filhos, sendo este de sete dias (12.2) para um bebê do sexo masculino e 14 dias para o sexo feminino, como durante o seu período menstrual (12.5). Nesse período inicial, ou seja, a purificação da menstruação, qualquer objeto que a mãe tocasse tornava-se impuro. A esse período inicial eram acrescentados mais 33 ou 66 dias, totalizando respectivamente 40 e 80 dias de purificação, mas, nesse segundo período, as restrições já eram abrandadas. Embora a mãe não pudesse adentrar no santuário e nem tocar em objetos santificados, já lhe era facultado realizar atividades domésticas e manter relações sexuais com seu marido. Chingota explica que as prescrições de purificação era um “processo que envolvia apenas a mulher e o Senhor, num processo monitorado pela mulher, e não pelo sacerdote” (CHINGOTA, 2010, p. 151).

Findo o período de purificação, a mãe levava um cordeiro de um ano para holocausto e um pombinho ou uma rolinha como oferta pelo pecado ao sacerdote à entrada da Tenda do Encontro (12.6) que, segundo Champlin, “é o lado de dentro da primeira cortina, que atuava como folha de porta” (CHAMPLIN, 2001, p. 519). Conforme Chingota, “a oferta de purificação provavelmente era apresentada primeiro, com o propósito de purificar o altar e reconsagrá-lo para os sacrifícios, restaurando-o para uso sagrado. O holocausto era oferecido para fazer expiação, permitindo à mulher ser reintegrada às atividades religiosas” (CHINGOTA, 2010, p. 151).

Uma vez que ter filhos era considerado bênção do Senhor (Sl 128.3-4), parece paradoxal a exigência levítica de oferta pelo pecado por ter dado à luz filhos. Contudo, é necessário lembrar que a oferta pelo pecado não é pelo fato de ter nascido um filho,

mas devido ao sangramento ocasionado pelo parto e que gerava impureza na mãe nos mesmos moldes da menstruação. Assim como o sangue da menstruação torna a mulher impura, o sangramento ocasionado pelo parto contamina a mãe. Seguem algumas explicações sobre a veemente necessidade de purificação:

1) “Uma vez que o sangue era um símbolo de vida, e a vida pertencia a Deus, só podia ser oferecido de volta a Deus no tabernáculo [...]. Como no caso da mulher o derramamento de sangue não era intencional, tornava-se necessário apresentar uma oferta de purificação” (CHINGOTA, 2010, p. 151).

2) “Considerar todo o processo em termos de morte ou vida. O sangue é um símbolo de vida, e sua perda simboliza morte ou imperfeição. Assim, o ritual era um ‘rito de passagem’ pelo qual a mulher passava do âmbito da morte para a vida, da imperfeição para a perfeição” (CHINGOTA, 2010, p. 151).

3) “O capítulo anterior [Lv 11] tratou das fontes externas de contaminação. Os capítulos 12 e 13<sup>3</sup> tratam das fontes internas” (CHINGOTA, 2010, p. 151-152).

4) Luiz Sayão acrescenta que a pessoa pode estar impura não por ter praticado pecado, mas porque a queda adâmica a atingiu e também atingiu tudo o que era bom e por isso a pessoa deve se purificar para chegar na presença de Deus.<sup>4</sup>

5) Oswald Allis menciona em seu comentário sobre Lv 12, mesmo que nas entre linhas que “o rigor com que são proibidas as abominações sexuais, incompatíveis com o culto a Deus (Êx 19.15; 20.26; Lv 15.16-18) é uma das características mais notáveis da religião de Israel, que a distinguem dos outros povos adoradores de falsos deuses, em cujo culto, se exibiam os mais proeminentes ritos aliados a orgias sem par” (ALLIS, 1954, p. 167-168).

3 Talvez seria prudente ler o capítulo 12 sob a ótica do 15, que trata das impurezas do homem e da mulher.

4 SAYÃO, Luiz. Um banho só é pouco. Levítico 12-15. Disponível em: [https://youtu.be/X3lVp6lplh0?si=-xjBfwdeefa9\\_U2o](https://youtu.be/X3lVp6lplh0?si=-xjBfwdeefa9_U2o) Acesso em: 08/02/2024.

6) Harrison, em seu comentário sobre Levítico, oferece uma explicação do ponto de vista mais biológico e consequentemente medicinal e que é transcrito a seguir:

A purificação à qual se submetia a mãe, era rigorosamente o resultado das secreções que acompanhavam o nascimento. Os corrimentos envolvem detritos de tecidos, mucosa e sangue, e são chamados de lóquios. Duas etapas são normalmente experimentadas depois do parto, a primeira (*lochia cruenta*) sendo manchada com sangue, ao passo que a segunda (*lochia alba*) tem uma aparência mais pálida e está livre do sangue. A não ser que haja alguma retenção dos lóquios do útero, o corrimento é frequentemente de duração comparativamente curta, mas pode durar até seis semanas em certas circunstâncias. As leis da purificação depois do parto, portanto, abrangem o período máximo de tempo que os lóquios poderiam continuar (HARRISON, 1980, p. 124).

Além dos cuidados de higiene e saúde, todas essas explicações fazem sentido porque caminham na mesma direção, ou seja, para alguém se aproximar de Deus que é Santo, primeiramente é necessário que se santifique também. Além da purificação espiritual, é notório ao longo da história da humanidade o fato de que o momento do parto despertava dois sentimentos, principalmente em tempos de pouco desenvolvimento da medicina. Primeiramente, o parto era grande motivo de alegria para a mãe e familiares em geral. Em segundo lugar, as pessoas também eram atormentadas com o parto de uma gravidez de risco. Sobre esse duplo sentimento, Clements argumenta que o parto era um “transe da existência quando o poder de Deus para dar a vida e o poder do mal para tirá-la eram ambos muito notáveis. Consequentemente, se fazia necessário que o filho e a mãe fossem adequadamente protegidos, que as ações de graças devidas fossem dadas a Deus” (CLEMENTS, 1986, p. 53). Para Clements, um coração grato a Deus e a expiação adequada era de suma

importância para que as forças do mal não atingissem nem a mãe e nem o filho.

Voltando à pergunta inicial, que é o porquê da duplicação no número de dias para purificação da menina em relação ao nascimento do menino, existem algumas tentativas de explicação:

1. Na antiguidade acreditava-se que os transtornos no ato do nascimento de uma menina seriam maiores do que de um menino, necessitando de mais tempo para recuperação para a mãe;
2. Os gregos pensavam que se um homem estivesse perto de uma mulher no momento do parto, poderia sair contaminado para rituais espirituais. Durante a guerra do Peloponeso, eles evitavam manter mulheres confinadas na Ilha de Delos para mantê-la pura;
3. Na cultura hindu, as relações sociais de uma criança recém-nascida eram consideradas em sua totalidade totalmente impuras.

234

Contudo, o que parece ser credence popular, também tem um fundo científico. Conforme explica a medicina, uma menina recém-nascida, pode ser acometida de *sangramento vaginal neonatal*, ou seja,

é uma condição benigna, autolimitada, que não requer tratamento. O sangramento vaginal neonatal pode ocorrer pois o feto, durante a vida intrauterina, é exposto ao estrogênio materno através da placenta, o qual estimula o crescimento do endométrio em fetos do sexo feminino. Como ocorre diminuição do suporte hormonal após o nascimento, pode haver a descamação da membrana vascularizada, semelhante à menstruação (EBONE, 2020, p. 146-147).

Diante do acima exposto pela medicina, percebe-se que o texto em questão tem uma certa fundamentação até mesmo

científica. O menino ao nascer, apenas passa pelo processo de circuncisão ao oitavo dia. Já a menina não necessita da circuncisão, mas pode sofrer de sangramento vaginal neonatal, talvez necessitando um período maior de cuidado maternal. Harrison comenta que possivelmente a diferença de dias esteja ligada à “posição social comparativa dos sexos numa sociedade patriarcal (Lv 27.2-7), e com o fato das futuras funções menstruais da menina.” Ainda conforme Harrison, “a presença de sangue no corrimento o agente contaminante, e merece procedimentos especiais, visto que o sangue e a vida estão intimamente ligados na legislação levítica” (Lv 17.11) (HARRISON, 1980, p. 124).

Luiz Sayão explica em relação a esse texto que o Deus da santidade é o Deus da vida e não da morte, portanto, tudo aquilo que de alguma forma pode oferecer ou representar algum tipo de perigo à vida, como patologias transmissíveis e contagiosas eram consideradas como impureza e obviamente precisavam de alguma maneira serem eliminadas do meio do povo para evitar uma contaminação geral que levaria à morte todo o povo do Deus da vida (SAYÃO, 2021, on line), fato que seria um paradoxo inexplicável, pois o Deus da vida jamais permitiria tal situação.

## 2. VENTRE MATERNAL

No capítulo anterior percebeu-se que o Deus da vida rejeita todo e qualquer princípio de impureza por dois motivos: 1) para que não houvesse algum tipo de contaminação de todo povo de Israel dizimando-o e 2) porque o Deus da vida é santo e requer santidade de quem se aproxima dele.

Agora é necessário entender ou, ao menos tentar, o motivo pelo qual ao nascer uma menina, a mãe deve observar um puerpério de 80 dias, enquanto para o nascimento de um menino, esse período era de apenas 40 dias para a purificação para a mãe. A pergunta que surge aqui é: o que o nascimento de uma menina tem de diferente que exige mais tempo de purificação para

a mãe do que o nascimento de um menino? O processo inverso poderia ser melhor explicado uma vez que os meninos sempre tem volume de massa corpórea maior do que as meninas, ocasionando lesões ou traumas mais acentuados na parturiente e que poderia justificar um tempo maior de recuperação. Mas, algumas tentativas de resposta para essa questão são encontradas no próprio Ministério da Saúde do Brasil através do Guia para profissionais da saúde, onde consta que desde a década de 70 o mundo inteiro passou a valorizar e recomendar o alojamento conjunto para mãe e para o recém-nascido pelas inúmeras vantagens e benefícios que oferece. A seguir, são transliterados *ipsis litteris* alguns benefícios:

1. Humanização do atendimento do binômio mãe-filho e sua família;
2. Convivência contínua entre mãe e bebê, o que facilita o conhecimento mútuo e a satisfação imediata das necessidades físicas e emocionais do recém-nascido. Bebês em alojamento conjunto choram menos e dormem mais (permanecem no estado “sono quieto”) do que quando se encontram em berçários;
3. Maior envolvimento dos pais e/ou de outras pessoas significativas no futuro cuidado com a criança;
4. Promoção do estabelecimento precoce do vínculo afetivo entre a mãe e o seu filho. Há relatos de que o alojamento conjunto aumenta a ligação afetiva da mãe a sua criança e reduz os casos de abuso ou de negligência infantil e de abandono da criança;
5. Promoção do aleitamento materno. Vários estudos demonstram o efeito benéfico do alojamento conjunto na prática da amamentação: descida do leite mais rápida, melhor atitude em relação ao aleitamento materno e tempo mais prolongado de amamentação;

6. Oportunidade para as mães, em especial as primigestas, aprenderem noções básicas dos cuidados com os recém-nascido. Isso aumenta sua autoconfiança;
7. Tranquilidade para as mães que ficam inseguras quanto ao atendimento prestado a seus filhos quando não estão perto deles. A ansiedade pode inibir a produção de ocitocina, importante para a liberação do leite materno e para a contração do útero, enquanto a presença da criança e seu choro costumam estimular o reflexo de ejeção do leite (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2011, p. 85).

Com os benefícios até aqui descritos, já se começa entender que o tempo de purificação da mãe recomendado em Levítico 12, tanto para o nascimento de um menino ou menina tem o objetivo especial de proteger os bebês e assegurar a eles um desenvolvimento seguro repleto de vida.<sup>5</sup> Qualquer patologia na tenra idade poderia se transformar em risco de desenvolvimento precário ou com algum tipo de deficiência.

No caso específico de nascimento de menina, conjectura-se que um tempo maior com a mãe<sup>6</sup> propicia um melhor desenvolvimento com altíssimo índice de qualidade de vida, principalmente porque a menina tem em seu ventre o útero que é um lugar gerador de vida, não de morte, por isso deve ser bem protegido. Assim sendo, o puerpério não tem apenas o objetivo de devolver à mulher o corpo como se encontrava no estado

---

5 Como o Brasil caminha a passos largos para a secularização, a questão teológica de proteção da criança por parte da mãe (e do pai, quando tem) praticamente não é mais considerada até mesmo por muitos cristãos. Crianças recém-nascidas já são colocadas em creches para que a mãe tenha tempo para trabalhar, voltar a ter um corpo pré-gravídico, estudar... Não há nada de errado nisso, mas é o tempo em que a criança mais precisa da atenção materna. Muitas crianças são deixadas com familiares ou amigos tornando-se presa fácil para abusadores ou exploradores de crianças e até mesmo acesso à aparelhos eletrônicos e futuramente a sites prejudiciais. É o que se chama de criança em situação de vulnerabilidade afetiva.

6 Deduz-se que esse tempo maior da mãe com sua filha recém-nascida é um bom argumento para mostrar que a Bíblia não possui uma conotação machista como lhe é atribuído muitas vezes por grupos feministas de defesa dos direitos da mulher.

pré-gravídico. Vai muito além, há um fundo teológico em todo processo de geração de uma vida.

Portanto, se faz necessário agora estudar uma espécie de Teologia do Útero para que haja compreensão de uma certa sacralidade do ventre materno. Para isso serão analisados alguns termos hebraicos pertinentes que podem lançar luz sobre o tema.

רַחֵם (*rāham*) e רֶחֶם (*rehem*). Tanto *rāham* como *rehem* descrevem ou designam “ventre”. Isso pode ser observado quando Jeremias lamenta seu nascimento (Jr 20.17). Jó diz que se não fosse trazido para fora do ventre, ninguém o teria visto (Jó 10.18). Igualmente perceptível é o fato de Deus abrir o ventre as águas do mar (Jó 38.8).

Fica claro que o nascimento e a concepção são controlados por Deus, que abre (Gn 29.31) ou fecha (Gn 20.18) o ventre conforme lhe apraz (cf. Nm 8.16, que fala do primogênito como aquele que abre o ‘ventre’ [...]). Consequentemente o nascimento não é um simples produto das leis da natureza, mas uma bênção da parte de Deus (COPPES, 1998, p. 1418-1419).

Ainda em relação a esse termo, é necessário destacar a palavra רַחֲמִים (*rahāmim*), “que mostra a ligação entre *rāham*, “ter compaixão (piel) e *rehem/rāham*, “ventre”, pois *rahāmim* pode designar o centro das emoções (Gn 43.30) ou a expressão de uma profunda emoção (1Rs 3.26) (COPPES, 1998, p. 1419). Poderia-se dizer no nosso entendimento, que é como o “sentimento de uma mãe que está protegendo, nutrindo e desenvolvendo seu bebê dentro do útero. Assim, quando se refere ao Altíssimo, demonstra da mesma forma a profunda compaixão dele para com todos, o desejo de proteger, desenvolver e salvar cada ser humano”.<sup>7</sup>

בֶּטֶן (*beten*). De acordo com os cognatos semíticos, o sentido básico desse termo é “interior”. Em hebraico denota “o abdômen interior” e tem o mesmo sentido nas tábuas de Amarna,

7 GUIA da Bíblia. Rachamim, רַחֲמִים. Disponível em: <https://guiadabiblia.com/significados-de-palavras/rachamim-רַחֲמִים/> Acesso em 29 fev 2024.

podendo também referir-se ao ventre (útero) de uma mulher, ou ao estômago e ainda de modo figurado pode expressar a natureza física do ser humano. Na literatura sapiencial o termo aparece várias vezes quando são mencionados os elementos mais íntimos de uma pessoa (Jó 15.35; Pv 18.8, 20) (OSWALT, 1998, p. 171).

Quando *beten* se relaciona com Deus, então indica que ele é aquele que forma e modela o feto<sup>8</sup> (Jó 3.3-11; 31.18; Sl 139.3; Jr 1.5) e faz a criança sair do *beten* supervisionando-a desde o nascimento (Sl 71.6; Is 49.1) (OSWALT, 1998, p. 171). Se Deus está trabalhando na formação do feto, seria então o útero uma espécie de habitação santa onde o Deus da vida se reúne com quem está sendo modelado? Até se considera a possibilidade de que “o útero da mulher é uma espécie de santo dos santos feminino no sentido em que toda a purificação é necessária para esse contexto de intimidade/vida”.

הָרָא (hārâ) grávida. É normalmente usada para descrever o resultado das relações sexuais. Nesse contexto, explica Stigers, “há frequentemente uma conexão com alguma fase do programa redentor de Deus”. Ou seja, “as concepções de que fala o AT são de crianças que desempenham papel importante na história da redenção” (STIGERS, 1998, p. 367), ou seja, *Heilsgeschichte*. O enunciado de Stigers faz todo sentido, basta analisar o nascimento de algumas crianças veterotestamentárias sob a ótica da *Heilsgeschichte*, como é o caso da profecia isaianica: “Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel” (Is 7.14). Mesmo que

8 Isabel, mãe de João Batista confessou durante o período gestacional que aquilo que estava acontecendo com ela era “obra do Senhor” (Lc 1.25). O termo grego envolvido para descrever obra nesse caso é ποιέω (poiēō), que pode ser traduzido por “produzir, construir, formar, modelar”. Outro fato que desperta atenção é que Lucas como médico usa o mesmo termo grego, βρέφος (bréfhos) para criança ou bebê recém-nascido (Lc 2.12) e também para feto (Lc 1.44). O mesmo fato também acontece no Antigo Testamento em Êx 21.22 onde se usa o termo hebraico יָלֵד (ieled) menino, criança, para se referir a uma criança intrauterina. Em Êx 2.3 o mesmo termo é usado para se referir a Moisés quando foi colocado numa cesta no rio Nilo. Na teologia da criança, um feto e uma criança nascida parece que têm o mesmo valor, ou seja, um feto já é considerado uma vida, muito diferente daquilo que é advogado por adeptos abortistas.

tudo pareça perdido e sem esperança devido ao pecado da humanidade, Deus dá um sinal, e este através de uma gravidez<sup>9</sup> e conseqüentemente uma criança. Normalmente uma teofania não acontece através de grandes déspotas ou poderes imperiais, mas através da simplicidade de uma criança, um bebê.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que com uma breve abordagem do tema, já se pode pensar em uma conclusão muito mais teológica do que prática. No que diz respeito a parturiente necessitar o dobro de tempo para purificação no caso de nascimento de menina, pode ser um indicativo específico de cuidado devido a menina possuir um útero e ser um potencial gerador de uma nova vida. Quanto mais tempo a menina estiver com sua mãe, melhor ela estará preparada para gerar uma nova vida. Ela estará preparada no sentido físico e emocional para geração de uma nova vida, fato que poderá contribuir para gestação de uma nova vida sem complexidades traumáticas. Tanto a disciplina de Teologia quanto Medicina são unânimes nesse contexto. Em outras palavras poder-se-ia dizer que o útero da mulher é a referência maior no que diz respeito à preservação da vida pelo fato de um tempo de cuidado cerimonial preservando a vida contra a morte, daria a ideia de um valor maior ou dignidade do útero à mãe que teria dado origem a outro útero que daria continuidade a vida.

Em relação ao tempo de isolamento social prescrito, ele acontece devido a proteção tanto para o filho como para a mãe no sentido espiritual, mas com um fundo de proteção da contaminação de doenças. Possivelmente, para ambos, o sangue poderia ser fator de contaminação muito rapidamente, se o filho ou a mãe estivessem excessivamente expostos a contatos sociais numa época em que não se tinha conhecimento suficientemente

<sup>9</sup> No Novo Testamento, observa-se a gravidez da idosa e estéril Isabel, marcando simbolicamente o fim da antiga e estéril Aliança e com a gravidez da nova e virgem Maria, nasce a nova Aliança em Jesus Cristo.

adequado sobre vírus, bactérias e ou doenças contagiosas. Portanto, o isolamento não se dava por causa de pecado apenas, mas por questões de pureza e preservação da vida. Quanto ao sacrifício, este não se dava apenas por causa do pecado, mas também confirmava a pureza da mãe e do filho (a) e que ambos estavam aptos para retornar ao convívio social e cívico de forma pública. Era como uma espécie de comprovante de que as obrigações em termos de saúde espiritual e física estavam em dia. Provavelmente, em nossos dias, seria o tão popular e conhecido cartão de vacinas.

É perceptível como a Bíblia desenvolve uma Teologia do Útero, valorizando em grande escala a mulher e a sua força ética de ser mãe. Igualmente percebe-se a formação e modelação do feto no “lugar santo” nos mínimos detalhes por parte do Criador. Lamentavelmente, maioria dos movimentos feministas desprezariam uma Teologia do Útero em detrimento de movimentos abortistas.

## REFERÊNCIAS

ALLIS, Oswald T. Levítico. In: DAVIDSON, Francis. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova. 1954. 155-184 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 195p. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao\\_saude\\_recem\\_nascido\\_v1.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_saude_recem_nascido_v1.pdf) Acesso em: 05 fev. 2024.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 1.

CHINGOTA, Felix. Levítico. In: ADEYEMO, Tokunboh. **Comentário bíblico africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. 131-170 p.

CLEMENTS, Ronald E. Levítico. In: **Comentário bíblico Broadman**. Tradução de Arthur Anthony Boorne. Rio de Janeiro: JUERP. 1986. 15-96 p.

COPPES, Leonard J. מִקְוֵה In: HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1417-1420 p.

EBONE, Patrícia; TONELLI, Tiago Silva; ABECHÉ, Alberto Mantovani; ACCETTA, Solange Garcia. **Sangramento genital em meninas pré-púberes**. AMRIGS, Porto Alegre, 64 (1): 143-148, jan.-mar. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223481/001118736.pdf?sequence=1> Acesso em: 09 fev. 2024.

HARRISON, Roland, K. **Levítico: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1980. 232p.

ONU News. **Perspectiva Global Reportagens Humanas**. OMS faz recomendações para melhorar cuidados pós-aborto. Mulheres. 27 Jan 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/tags/aborto> Acesso em: 29 dez. 2023.

OSWALT, John N. מִקְוֵה In: HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 171-172 p.

SAYÃO, Luiz. **Um banho só é pouco**. Rituais para ele e para ela: Lv 12 a 15. Rota 66. São Paulo: RTM Brasil, 2021. Disponível em: [https://youtu.be/X3lVp6lplh0?si=-xjBfwdeefa9\\_U2o](https://youtu.be/X3lVp6lplh0?si=-xjBfwdeefa9_U2o) Acesso em: 08 fev. 2024.

STIGERS, Harold G. **בָּרַךְ** In: HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 367-368 p.